

# **MINHA MÃO, MINHA VERMELHA VISÃO**

**ROSMARI ZONTA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado à **METROCAMP** para aprovação  
no curso de **Pós-Graduação em Styling de  
Moda**, sob orientação da professora Maria  
Alice Ximenes.

Faculdades Integradas Metropolitanas de Campinas - METROCAMP

CAMPINAS -2006

## RESUMO

Frida Kahlo, artista plástica mexicana, de grande expressão cujos auto-retratos refletiam toda a sua realidade, sobretudo a dor e sofrimentos vividos por ela.

Este trabalho apresenta um estudo de forma e volumes inspirado na vida e obra de Frida Kahlo, utilizando-se de técnicas de moulage e por meio de drapeados, pregueados, cortes, dobras e sobreposição. O tecido se transforma e se funde ao corpo, surgindo uma proposta única onde a feminilidade e a sensualidade é a tônica principal deste trabalho.

## 1. MINHA MÃO, MINHA VERMELHA VISÃO

As referências da vida e obra de Frida Kahlo são as principais influências no trabalho apresentado, principalmente as formas e volumes da sua indumentária, visíveis nos xales granadinos, nas roupagens amplas, como saias e vestidos, na joalheria estilo pré-colombianas, nas vestes indígenas e nas roupas *tehuanas*.

As peças elaboradas possuem uma estrutura dividida em duas partes: uma que corresponde a parte superior, rígida, dura, marcante e a que corresponde a parte inferior, leve, solta e esvoaçante com volumes que podem variar entre o fluído e o estruturado.

A divisão reflete a opressão, aperto, rigidez da parte superior e fragmentação para uma parte inferior onde há a liberdade, a leveza, a malícia e o desejo. Representa também a dualidade do prazer e dor, amor e ódio, alegrias e tristezas.

O prazer de criar, de dar vida e transformar algo, sentimentos, angustias, dores, revoltas, incapacidades diante da realidade da vida, vir à tona, explodir, e se transformar em algo bom, experimentar, dar forma aos desejos e a eles responder com caimento perfeito, sublimar o seu toque e neles buscar a melhor resposta para meus anseios, dobrar e dobrar, dobrar e mais dobrar, mudar a minha realidade buscando o sentido de cada contorno, rasgando e golpeando com a tesoura as facetas que não quero, sangrando o vazio e buscando nele o câncer que me consome, as minhas angústias que no meu peito estão cravadas e cimentadas por dor, amor e ódio. Cimentadas estão também minhas pernas afundadas no real que parece surreal. Frida, Frieda, Friducha não sei como chamar, mas me inspiras a lutar, gritar e levantar desta cama que se chama solidão. Percebo em ti tanta dor, tanto desespero e tu não queres morrer assim. Nem eu. O teu golpe do pincel que sangra nas tuas telas são também meus golpes de tesoura que faz nascer de mim uma nova realidade, capaz de transformar tudo aquilo que não me deixa voar em algo novo e belo.

Desde que a arte moderna se colocou como fazer baseado na atividade da mão e do olho, voltado para a construção de um objeto em si mesmo, a experiência construtiva e formal mudou, passando da imitação do real à construção do real: a arte como autônomo do conhecer (CELANT, 1999). Foram os cubistas, com Picasso e Bracque, que cortaram as imagens para decompô-las e recompô-las com o objetivo de liberar novas relações com o objeto visto e vivido.

Meteram a tesoura em superfícies e imagens para dar a idéia e a consciência diretas da arte que, depois de ter esvaziado, exaurido e destruído a representação do real, cria um seu real autônomo: um novo objeto que não interpreta a coisa, mas a constrói e produz.

Se o golpe da tesoura é semelhante a um golpe de lápis e pincel, estaríamos movidas então pela a dor que nos consome?

Acredito que sim, a dor é semelhante as realidades são diferentes então podemos dizer que o que nos une é o desejo de transformar nossas realidades.

O ato criativo é o elo em questão, pois se a dor mental nos faz estremecer, somos acometidas por um desejo de transformar a realidade em algo novo. No caso de Frida a representação do real possibilitava a concretização e materialização da suas dores exorcizando na realização dos seus auto-retratos.

A técnica da moulage possibilita exercer essa exorcização concretizada, as mãos transformam-se em canais receptores onde os sentidos mais íntimos fluem pela textura da fibra, pelo caimento, pelo cheiro do tecido finalmente pela forma do corpo. Nos contornos do corpo pode-se brincar, adequando melhor as dobras, alfinetando aqui, ali, alinhavando detalhes e golpeando a tesoura, cortando e rasgando os excessos, tudo que não faz parte desse universo.

Para conceber esta realidade transformada são utilizado tecido fluido, leve, sedoso com cores vibrantes e iluminado. Buscou-se elaborar formas livres, sensuais e femininas, contrapondo com tecidos secos e volumes inusitados. Os tecidos utilizados como a seda, algodão e viscolycra, permitem, com seus toques macios deslizam entre os dedos, drapea-los, dobra-los e prende-los. Os tecidos rígidos como crepes e tafetás foram utilizadas em peças com volumes exagerados compondo um caráter diferenciado com maior quantidades de tecidos, utilizando também os recortes. As intertelas pesadas e barbatanas segmentam a estrutura do corpo, com parte superior apertada, estruturada em contraposição com saias amplas e volumosas, refletindo a sua dualidade.

As cores utilizadas consistem em tons fortes e vibrantes, assim como a cores utilizadas pela artista, repleta de significados. Entre elas estão vermelhos, verdes, violeta, bege e preto. À primeira vista, o magnetismo das cores que Frida usou em seu diário foi o que mais impressionou. Depois, com uma análise um pouco mais detalhada, nota-se a técnica natural e espontânea de Frida no uso delas.

As cores utilizadas consistem em tons fortes e vibrantes, assim como as cores utilizadas pela artista, repleta de significados. Entre elas estão vermelhos, verdes, violeta, bege e preto. À primeira vista, o magnetismo das cores que Frida usou em seu diário foi o que mais impressionou. Depois, com uma análise um pouco mais detalhada, nota-se a técnica natural e espontânea de Frida no uso delas.

As cores complementares como verde e vermelho foi usado para retratar pensamentos e associações feitas por ela em seu diário, revelar seu íntimo, paixão, dor, onde a cor tem significado e expressão.

Em seu diário, Kahlo deixava-se inspirar pela variedade dos seus lápis de cor, que a induzem a trabalhar os vários matizes que representam o simbolismo. Certa vez, Kahlo pegou um daqueles lápis, pôs a associar livremente os seus pensamentos e começou a escrevê-los na mesma cor. Algumas linhas são acompanhadas por esboços que representam associações (por exemplo, eletricidade, folha, distâncias, sangue). Algumas das afinidades percebidas por ela são líricas. Outras extraídas do seu léxico de referências especificamente mexicanas: *mole* é marrom bem escuro do molho picante de chocolate usado no México para carnes e aves. Solferino, ou magenta lembra-lhe “sangue da opúncia”, ou seja, o sumo da flor do cactus nopal. A flor aparece em várias de suas telas, chamando a atenção para a sua estranha semelhança com a genitália feminina, e reforçando assim as associações de Kahlo entre a florescência vermelha e o sangue. Outro tema ao qual ela volta repetidas vezes é o da loucura, sempre associada ao amarelo.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, L. A. *Frida Kahlo: Personagem de si mesma*. Revista Imaginário. São Paulo, n. 7. 1998. Disponível em: <[http://www.imaginario.com.br/artigo/a0091\\_a0120/a0098.shtml](http://www.imaginario.com.br/artigo/a0091_a0120/a0098.shtml)>. Acesso em: 20 Jun 2006.
- BRETON, A. *Surrealism and Painting*, Londres, 1972.
- CELANT, G. *Cortar é pensar: arte & moda*. Em Kant – Crítica e estética na modernidade/Organização Ileana Pradilla Cerón e Paulo Reis, p. 169-176. São Paulo: Editora SENAC, 1999.
- EMBACHER, A. *Moda e identidade – a construção de um estilo próprio*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.
- FLUGEL, J. C. A. *Psicologia das roupas*. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1966.
- FUENTES, C. "Introdução". In: KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- HERRERA, H. *Frida: una biografía de Frida Kahlo*. México: Editora Diana, 1985.
- HOLLANDER, A. *O sexo e as roupas*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1996.
- JUNG, E. *Animus e Anima*. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.
- KAHLO, F. *O diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1996.
- KETTENMAN, A. *Frida Kahlo.: Dor e Paixão*. Koln: Taschen, 2004.
- LOWE, Sarah. "Ensaio". In: KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um auto-retrato íntimo*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1996.
- PUC. *Frida Kahlo, Rivera e Trotsky*. Vídeo, Tombo: 2069. São Paulo: PUC, 1997.
- RAUDA, J. *Frida Kahlo Auto-retrato de uma mulher*. Lisboa: Quetzal Editores, 1992.

VIANNA, L. H. *Tinta e sangue: o diário de Frida Kahlo e os quadros de Clarice Lispector*. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 11, n. 1, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2003000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2003000100005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 Jun 2006. doi: 10.1590/S0104-026X2003000100005.